RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 10/12/2026.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ANNA PAULA FERREIRA GALEGO

LÓGICA DAS COMMODITIES E CAFEICULTURA: A PRODUÇÃO DE CAFÉ ESPECIAL COM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA REGIÃO DA MANTIQUEIRA DE MINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO

2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ANNA PAULA FERREIRA GALEGO

LÓGICA DAS COMMODITIES E CAFEICULTURA: A PRODUÇÃO DE CAFÉ ESPECIAL COM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA REGIÃO DA MANTIQUEIRA DE MINAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Frederico

Rio Claro - SP
2026

G152l

Galego, Anna Paula Ferreira
Lógica das Commodities e Cafeicultura : A produção de café especial com Indicação Geográfica da Região da Mantiqueira de Minas / Anna Paula Ferreira Galego. -- Rio Claro, 2026
152 f. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Samuel Frederico

1. Geografia. 2. Cafeicultura. 3. Commodities. 4. Geografia rural. 5. Geografia regional. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ANNA PAULA FERREIRA GALEGO

LÓGICA DAS COMMODITIES E CAFEICULTURA: A PRODUÇÃO DE CAFÉ ESPECIAL COM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA REGIÃO DA MANTIQUEIRA DE MINAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. SAMUEL FREDERICO – Orientador
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Prof. Dr. ELI FERNANDO TAVANO TOLEDO
IFSP/Avaré (SP)

Profa. Dra. MARTINE GUIBERT
Universidade de Toulouse/Toulouse (FR)

Conceito: Aprovado.

Rio Claro, 10 de dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Chegar no resultado é ótimo, mas no processo, muito se aprende. Assim como é com o café, o fruto é doce, mas é no amadurecer que o tempo ensina o sabor. Acredito que todo ou quase todo pós-graduando já se viu pensando como o trabalho acadêmico é solitário. Contraditoriamente, ao mesmo tempo, envolve muitas pessoas direta e indiretamente. São diversas as pessoas que amadureceram esse fruto e estão de algum modo nesse texto. Vou tentar fazer menção às principais.

Agradeço primeiramente aos representantes da APROCAM, da COCARIVE e aos produtores que cederam um pouco do tempo do seu trabalho para que eu fizesse o meu. Me recebendo sempre de forma solícita, acolhedora e com muito café gostoso.

Agradeço ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) - campus de Rio Claro e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia pela oportunidade de realizar o mestrado. Agradeço aos professores do Departamento de Geografia e Planejamento Ambiental (DGPA), que contribuíram com toda a minha formação, desde a graduação. Agradeço à Profa. Dra. Cenira Maria Lupinacci, coordenadora da pós-graduação e exemplo de profissional, por conduzir o programa com atenção, cuidado, comprometimento e seriedade profissional.

Agradeço também aos demais funcionários do DGPA, da pós-graduação em Geografia e da seção técnica de pós-graduação do IGCE, pelo atendimento sempre atencioso e pela disponibilidade em auxiliar nas etapas do mestrado.

Sou grata de modo especial ao Prof. Dr. Samuel Frederico pela orientação deste trabalho, pelos ensinamentos, pelas leituras cuidadosas, pela compreensão e cuidado nos momentos mais apreensivos, pela liberdade que me deu para trabalhar e pelo exemplo de competência e sabedoria.

Aproveito para agradecer aos amigos e orientandos do professor Samuel, Yasmin Penha Moral e Dr. Henrique Faria dos Santos, os quais sempre pude contar para tirar dúvidas, compartilhar informações, momentos de descontração e que tornaram a jornada da pesquisa mais colaborativa.

Uma menção especial aos membros da banca examinadora da minha qualificação que contribuíram enormemente para esse trabalho: Dr. Eli Fernando Tavano Toledo e Dra. Luiza Borges Dulci.

Agradeço aos colegas da pós-graduação, aos colegas da Revista Geografia e da Comissão Organizadora do V CBOE, em especial ao Leandro di Genova Barberio, pelas

conversas, dúvidas tiradas, ajudas, troca de experiências e aprendizado compartilhados nesse período.

Fica aqui meu agradecimento também à equipe – e amigos - da biblioteca da UNESP de Rio Claro. Embora meu estágio na biblioteca tenha terminado em 2022, continuo a me sentir parte da equipe, graças ao acolhimento, gentileza e cuidado que se mantém. Amizade que acompanhou desde a escrita do projeto, o ingresso no mestrado e o desenvolvimento da pesquisa, sempre oferecendo um ambiente acolhedor e propício para meus estudos, mas também distração e boas conversas.

Dedico um agradecimento especial aos meus amigos Natália dos Reis Coimbra, Amanda Rodrigues Soares, Henrique Santos Domingos e Leilso Antonio Carneiro da Silva. Presentes e amorosos, cada um à sua maneira, me ajudando, distraindo, divertindo e incentivando. Para além da gratidão pela parceria nesse período, sou grata por ter vocês na minha vida.

A realização dessa dissertação não teria sido possível sem o apoio e amor incondicionais da minha mãe Mara. Mesmo longe, ela sempre esteve ao meu lado, respeitando e apoiando as minhas decisões e me ensinando a importância da educação desde quando me entendo por gente. Essa conquista também é sua.

Agradeço à minha amada, Mariana, meu lar em pessoa, onde sempre encontro amor, refúgio e equilíbrio necessários. Com quem sempre pude dividir o peso e as alegrias desse trabalho e da vida no geral. É uma sorte estar no seu coração e ter você no meu. Aproveito para agradecer aos meus sogros Wilson e Lélia por todo apoio, pelo cuidado e por me deixar fazer parte dessa família.

Por fim, agradeço às agências públicas de financiamento e promoção da pesquisa e ciência brasileira. Sem essas fontes de financiamento a presente pesquisa não seria possível. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, através da bolsa de mestrado durante o período de 01/11/2023 a 30/11/2024.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/06019-7. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

RESUMO

A expansão da competitividade provocada pelo avanço do neoliberalismo e pela abertura do mercado mundial no final do século XX, aliada a novos valores associados ao consumo, impulsionou a produção de cafés diferenciados e distinguíveis do café commodity. Entre as iniciativas que buscaram agregar valor e identidade territorial à produção, destacam-se as Indicações Geográficas (IGs). Esta pesquisa analisou a produção de café especial com IG da Região da Mantiqueira de Minas, buscando compreender se tal produção promove maior identidade e autonomia produtiva ou, de forma contraditória, conduz a processos de recommoditização. A partir de levantamento bibliográfico, análise documental e trabalhos de campo realizados em Carmo de Minas (MG), foi possível identificar que a IG da Mantiqueira de Minas contribuiu para o aprimoramento técnico-produtivo, fortalecimento do cooperativismo, valorização da qualidade e construção de uma identidade regional vinculada ao café especial. Entretanto, os resultados também evidenciam que os benefícios da IG são distribuídos de forma desigual, pois dependem da capacidade de capitalização, do acesso à tecnologia e da inserção nas cooperativas. Verificou-se que, embora a IG promova processos de descommoditização — pela rastreabilidade, pela valorização da origem e pela aproximação entre produtor e consumidor — coexistem processos de recommoditização, expressos na padronização dos cafés, na dependência das normas internacionais de qualidade e na subordinação às dinâmicas do mercado global. Conclui-se que a IG da Mantiqueira de Minas representa simultaneamente uma estratégia de valorização territorial e uma nova forma de especialização produtiva regional, que reforça a competitividade global, sem romper integralmente com a lógica das commodities.

Palavras-chave: Indicação Geográfica; Denominação de Origem; cafés especiais; descommoditização; recommoditização.

ABSTRACT

The expansion of competitiveness driven by the advance of neoliberalism and the opening of the global market at the end of the 20th century, combined with new consumption values, fostered the production of differentiated coffees distinguishable from commodity coffee. Among the initiatives aimed at adding value and territorial identity to production, Geographical Indications (GIs) stand out. This research analyzed the production of specialty coffee with GI in the Mantiqueira de Minas region, seeking to understand whether such production promotes greater identity and productive autonomy or, conversely, leads to processes of recommoditization. Based on bibliographic research, document analysis, and fieldwork conducted in Carmo de Minas (MG), it was found that the Mantiqueira de Minas GI contributed to technical and productive improvement, strengthening of cooperativism, quality enhancement, and the construction of a regional identity associated with specialty coffee. However, the results also show that the benefits of the GI are unevenly distributed, as they depend on capitalization capacity, access to technology, and participation in cooperatives. Although the GI promotes decommoditization processes—through traceability, origin valorization, and closer ties between producers and consumers—recommoditization processes coexist, expressed in the standardization of coffees, dependence on international quality norms, and subordination to global market dynamics. It is concluded that the Mantiqueira de Minas GI simultaneously represents a strategy of territorial valorization and a new form of regional productive specialization that reinforces global competitiveness without entirely breaking away from the logic of commodities.

Keywords: Geographical Indication; Appellation of origin; specialty coffees; decommoditization; recommoditization.

ÍNDICE DE RECURSOS EXTRATEXTUAIS

Gráficos

Gráfico 1 - Preços voláteis do café* 23
Gráfico 2 - Variação da produção de café nos municípios líderes de produção em Minas Gerais (2020-2024)..... 37

Tabelas

Tabela 1 - Comparativo de área em produção, produtividade e produção de café total (arábica e conilon) no Brasil..... 32
Tabela 2 - Café Arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção 33
Tabela 3 - Produção de café em Minas Gerais: Quantidade produzida por mesorregião de Minas Gerais (toneladas) - 2024..... 36

Quadros

Quadro 1 - As Indicações Geográficas de café do Brasil..... 54
Quadro 2 - Municípios da Região da IG da Mantiqueira de Minas 72
Quadro 3 - Classificação do Café (COB - Classificação Oficial Brasileira) 96
Quadro 4 - Número de cooperados por cooperativa vinculada à IG..... 114

Mapas

Mapa 1 - Produção total de café no Brasil: Quantidade produzida por Unidade da Federação (toneladas) - 2024 34
Mapa 2 - Produção de café em Minas Gerais: Quantidade produzida por município (toneladas) - 2024 35
Mapa 3 - As Indicações Geográficas de Café do Brasil 55
Mapa 4 - Região da Mantiqueira de Minas 73
Mapa 5 - Mesorregiões do estado de Minas Gerais 74
Mapa 6 - Região da Mantiqueira de Minas em relação às Regiões Geográficas Imediatas 75
Mapa 7 - Produção de café na Região da Mantiqueira de Minas: Quantidade produzida por município (toneladas) - 2024 77
Mapa 8 - Exportadoras de cafés especiais e sua infraestrutura: localização e conexão com rodovias 111
Mapa 9 - Infraestrutura Organizacional da IG da Mantiqueira de Minas: localização e conexão com rodovias 113

Figuras

Figura 1 - Fazenda do Serrado..... 60
Figura 2 - Logo do Selo da Denominação de Origem da Mantiqueira de Minas..... 69
Figura 3 - Máquina Despolpadora/Descascadora – Fazenda do Serrado 80
Figura 4 - Premiações do Sítio da Torre..... 84
Figura 5 - Esboço do Circuito Espacial Produtivo do Café Commodity 89
Figura 6 - Cafés depositados na máquina despolpadora vista de cima – Fazenda Sítio da Torre..... 92
Figura 7 - Máquina despolpadora vista de cima – Fazenda Sítio da Torre 93
Figura 8 - Secagem do café no terreiro – Sítio da Torre 94
Figura 9 - Comparação do café limpo com o café "bica corrida" 94
Figura 10 - Avaliação física sendo realizada na cooperativa e peneiras de separação granulométrica 96
Figura 11 - Círculos de Cooperação do Café Commodity 99
Figura 12 - Esboço do Circuito Espacial Produtivo do Café com Indicação Geográfica 103
Figura 13 - Círculos de Cooperação do Café com Indicação Geográfica 105
Figura 14 - Mesa de avaliação de cupping na cooperativa..... 110
Figura 15 - Parte da estrutura do armazém da cooperativa (COCARIVE) 117
Figura 16 - Separação mecanizada dos grãos..... 118
Figura 17 - Depósito dos cafés nas sacas 119
Figura 18 - Saca de café pronta, com informações sobre o lote e com o selo costurado 120
Figura 19 - Cafés armazenados no armazém da COCARIVE 121
Figura 20 - Cafés sendo colocados no caminhão da transportadora 122
Figura 21 - Primeira parte da página da plataforma de rastreabilidade do café..... 127
Figura 22 - Segunda parte da página da plataforma de rastreabilidade do café* 127
Figura 23 - Terceira parte da página da plataforma de rastreabilidade do café 128
Figura 24 - Embalagem com as informações da região/produtor (Torrefação do Chile) 130
Figura 25 - Embalagem com as informações da região/produtor (Torrefação do Uruguai)..... 131
Figura 26 - Embalagem com as informações da região/produtor (Torrefação da Alemanha) * 132
Figura 27 - Embalagem com as informações da região/produtor (Torrefação da França)..... 133
Figura 28 - Área da fazenda "Sítio da Torre" destinada à produção de café para a cafeteria e torrefadora Mokxa..... 134
Figura 29 - Aspectos concernentes aos processos de recommoditização e descommoditização 138

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

ABDI - Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

AIC - Acordos Internacionais do Café

APROCAM – Associação dos Produtores de Café da Mantiqueira

BSCA - Associação Brasileira de Cafés Especiais

CECAFÉ - Conselho dos Exportadores de Café do Brasil

CET - Caderno de Especificações Técnicas

CEP – Circuito Espacial Produtivo

COCARIVE – Cooperativa Regional dos Cafeicultores do Vale do Rio Verde

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

COOPERVASS – Cooperativa Agropecuária do Vale do Sapucaí

COOPERRITA – Cooperativa Regional Agropecuária de Santa Rita do Sapucaí

DO – Denominação de Origem

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EPAMIG - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

EUA - Estados Unidos da América

IAC - Instituto Agronômico de Campinas

IBC - Instituto Brasileiro de Café

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICNA - Instituto da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

IG – Indicação Geográfica

INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial

IP – Indicação de Procedência

MAPA – Ministério da Agricultura e Pecuária

OIC - Organização Internacional do Café

SCA - *Specialty Coffee Association*

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UFLA - Universidade Federal de Lavras

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

Introdução **13**

PARTE I - OS DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DOS CAFÉS ESPECIAIS **21**

Capítulo 1 - Antecedentes da emergência dos cafés especiais: da regulação pública à regulação privada 22

Capítulo 2 - A nova regulação do mercado mundial de café: a consolidação da cafeicultura científica globalizada e a lógica das commodities 27

Capítulo 3 - A região do Sul de Minas 32

Capítulo 4 - Inércia produtiva e novos padrões de consumo em velhas estruturas 39

PARTE II - AS INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS E A DENOMINAÇÃO DE ORIGEM DA MANTIQUEIRA DE MINAS **45**

Capítulo 5 - Indicações Geográficas 46

Capítulo 6 - As Indicações Geográficas no Brasil 52

Capítulo 7 - Sementes de mudanças e raízes da qualidade: o início, a expansão e o percurso até o selo de Denominação de Origem da Mantiqueira de Minas 59

Capítulo 8 - A Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas 72

PARTE III - A PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS E O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO CAFÉ COM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA MANTIQUEIRA DE MINAS **78**

Capítulo 9 - Aprimoramento técnico, organização produtiva e novos patamares de qualidade 79

Capítulo 10 - Circuito Espacial Produtivo do Café Commodity 87

Capítulo 11 - Circuito Espacial Produtivo dos Cafés Especiais com Indicação Geográfica 102

Capítulo 12 - O circuito espacial produtivo do café com a IG da Mantiqueira de Minas: Descommoditização ou recommmoditização? 124

Considerações finais **139**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **143**

ANEXOS **148**

Introdução

O café está entre as principais commodities mundiais e no Brasil seu papel é ainda mais significativo. O termo "commodity" se refere a produtos principalmente primários ou semielaborados mundialmente padronizados. Isto é, quase sem diferenciação, o que permite a negociação global desses produtos sob uma mesma categoria, com preços cotados e negociados no mercado futuro em bolsas de valores (Frederico, 2013).

Apesar de ser uma commodity, o café carrega algumas peculiaridades que o diferencia das demais. Entre elas, está o forte valor cultural e simbólico, associado a rituais cotidianos. Além disso, os grãos são divididos entre as espécies *Coffea arábica* (Arábica) e *Coffea canephora* (Robusta ou Conilon), que se distinguem por características agronômicas, químicas e sensoriais. O arábica, cultivado em altitudes mais elevadas, é mais conhecido por sua acidez, notas mais suaves e doçura. Enquanto o *Coffea canephora* é conhecido por ser mais resistente, possuir mais amargor e maior teor de cafeína. Os preços também são fixados de forma diferenciada de acordo com a espécie e o nível de processamento.

Uma parcela expressiva da produção de café no Brasil é realizada por pequenos produtores. O Brasil conta com cerca de 330 mil produtores de café, dos quais aproximadamente 280 mil são pequenos cafeicultores[1], o que configura uma estrutura mais fragmentada e heterogênea. Assim, o café se diferencia também de outras commodities por combinar uma lógica de commodity global com uma base produtiva ainda fortemente marcada pela presença de pequenos produtores, algo menos comum em outras culturas de exportação, em que há a predominância de grandes produtores.

De acordo com dados do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil - CECAFÉ (2025), o Brasil bateu o recorde anual de exportação em 2024, com o embarque de 50,443 milhões de sacas de 60 kg a 116 países. A maior parte do café negociado foi exportado como commodity. Entretanto, os cafés diferenciados (classe utilizada pelo CECAFÉ para definir cafés que possuem qualidade superior ou certificados de práticas sustentáveis) responderam por 18,1% das exportações totais brasileiras no ano passado, com a remessa de 9,141 milhões de sacas ao exterior, volume 31,2% superior ao registrado em 2023, indicativo do crescimento desse segmento.

No final do século XX, o avanço das políticas neoliberais e a abertura do mercado mundial operaram mudanças na regulação da cafeicultura. Como resultado ocorreu o fim dos

[1] Disponível em: https://cncafe.com.br/cnc-destaca-atuacao-de-entidades-cafeeiras-no-processo-de-adiamento-da-eudr/. Acesso em: 30 out. 2025.

Acordos Internacionais do Café (AIC), criados na década de 1960 e que atuavam na estabilização dos preços internacionais do café e possibilitavam uma maior apropriação do valor final do produto por parte dos países produtores (Talbot, 2004). Bem como a extinção dos organismos reguladores do setor cafeeiro, como no caso do Instituto Brasileiro do Café (IBC).

O controle da cafeicultura, até então baseado no intervencionismo estatal e acordos interestatais, foi substituído pelo controle e pela nova regulamentação feita por grandes empresas transnacionais de torrefação, moagem e de comércio de café (*tradings)* (Frederico, 2012). Esse cenário ampliou o poder e a escala de atuação de grandes tradings e torrefadoras, configurando assimetrias de poder entre os diferentes agentes envolvidos na produção e comercialização do café e colocou os produtores numa arena de competição global.

A partir das mudanças na regulação da produção de café, com a maior atuação e controle por parte das grandes empresas da cafeicultura, se instaurou o que Daviron e Ponte (2005) classificaram como o paradoxo do café. Para os autores, o paradoxo surge do aumento significativo do volume de café comercializado mundialmente, acompanhado da diversificação de produtos derivados e da elevação do preço final ao consumidor, cujo valor, entretanto, é apropriado majoritariamente pelas grandes corporações. Em contrapartida, os produtores permanecem com uma parcela cada vez menor do valor gerado ao longo da cadeia, revelando as assimetrias estruturais que marcam o comércio internacional do café.

Da era do controle estatal, passou-se para a era da competitividade, marcada pela necessidade de atender aos critérios de eficiência e racionalidade. Nesse contexto, consolidam-se as regiões competitivas, especializadas principalmente na produção de commodities em larga escala, sob a lógica da padronização produtiva e do uso intensivo de técnicas voltadas à maximização da produtividade, do lucro e dos níveis de competitividade.

A produção passa a atender aos interesses dos intermediários comerciais e das grandes empresas, de modo que, muitas vezes, esses interesses e a lógica desses agentes se opõem à lógica e aos interesses dos atores vinculados aos lugares e regiões, que não possuem controle sobre a própria produção. Diante disso, começam a surgir tentativas de diferenciação e valorização dos cafés. Os produtores passaram a buscar a agregação de valor à produção, melhorias na qualidade e inserção diferenciada em determinados nichos de mercado, como no caso dos cafés especiais (Frederico, 2012).

Nesse sentido, a produção de cafés especiais passou a assumir, para muitos produtores e lugares, o papel de uma espécie de “anticommodity”, configurando-se como uma forma de contraposição à lógica das commodities. Conforme apontam Daviron e Vagneron (2011),

diversos movimentos passaram a encorajar e valorizar a diferenciação de produtos agrícolas baseada na qualidade, origem geográfica e preocupação ambiental. Esses movimentos tinham como objetivo desafiar o sistema agroalimentar, caracterizado, entre outras coisas, pelo uso generalizado de produtos químicos e pesticidas, pela falta de qualidade do produto final e pelas distâncias e desigualdades entre os agentes envolvidos na produção e comercialização.

Aliada a outros processos, a Indicação Geográfica (IG) ganha força dentro da cafeicultura, ainda que não de forma isenta de contradições. A construção dos projetos de IG envolve as características e particularidades do contexto específico em que se insere a dinâmica de mercado do produto. Entretanto, embora busque revalorizar tradições produtivas e identidades territoriais, a IG não se opõe completamente às dinâmicas hegemônicas do sistema agroalimentar.

No caso do café, essa questão se torna ainda mais latente, revelando-se com maior nitidez quando observadas as especificidades. As Indicações Geográficas (IGs) atestam a origem específica dos produtos e sua diferenciação qualitativa. Nesse sentido, a tipicidade e o terroir assumem papel central. O termo terroir refere-se à singularidade de um produto, resultante de sua localização geográfica e da combinação única entre fatores edafoclimáticos, características da planta e técnicas de produção, ou seja, o saber-fazer do produtor. Assim, a priori, as IGs se apresentam como uma alternativa ao café commodity, a partir do processo de descommoditização (Daviron e Vagneron, 2011), isto é, a transformação do café de um produto homogêneo e padronizado em um bem dotado de identidade, valor agregado e diferenciação no mercado.

Entretanto, a crescente produção e comercialização de cafés especiais em larga escala, podem promover (re)padronização da produção. A gradual popularidade dos cafés especiais promove uma maior oferta global desses produtos, o que pode levar a um aumento na concorrência entre produtores e pressão para reduzir os custos de produção. Tais fatores podem reintroduzir as relações de mercado pautadas na distância entre produtor e consumidor, deterioração da identidade dos produtores e na substitutibilidade de fornecedores, tendendo, portanto, à recommoditização (Daviron; Vagneron, 2011).

Visando atender a esses requisitos e exigências do mercado quanto à qualidade, os produtores são incentivados à incorporação técnico-científica, a fim de atingir melhores patamares de qualidade, produtividade, competitividade e acesso a mercados estrangeiros. Assim, contraditoriamente ao que a IG se dispõe a proteger e valorizar – produção tradicional e saber fazer local – pode-se ter uma intensificação produtiva, com substituição de práticas

produtivas para alcançar esses objetivos. Nesse contexto, se constrói uma organização técnica e política da produção com forte vínculo com o mercado externo, numa coesão organizacional e racionalização do espaço à serviço das demandas de competitividade do mercado globalizado.

Nesse sentido, apresentada como alternativa e estratégia para os pequenos produtores, a IG é associada aos discursos de valorização do produto, inserção em novos mercados e proteção territorial. Contudo, tais benefícios podem se distribuir de forma desigual, condicionados a diferentes fatores, de ordem técnica e econômica. Portanto, torna-se relevante problematizar em que medida essa ferramenta é capaz de reverter as desigualdades estruturais do setor cafeeiro ou se pode, paradoxalmente, contribuir para a exclusão daqueles que mais necessitam de valorização (Toledo, 2025).

Esses processos tornam visíveis alguns dos desafios e contradições postos à produção de café com IG e revelam a importância da análise desse tipo de produção agrícola, que cresce cada vez mais. No Brasil, apenas em 2024, foram registradas 14 novas Indicações Geográficas e entre 2021 e 2025 foram reconhecidas 11 novas Indicações Geográficas de café (DataSebrae, 2025).

Assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a produção de café com Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas frente à lógica das commodities. De maneira geral, buscou-se demonstrar se a produção com a IG confere maior autonomia e identidade aos produtores e lugares, quando comparada com a produção de café commodity. Como decorrência desse objetivo, buscou-se responder à questão se a produção de cafés com IG da Mantiqueira de Minas se apresenta como uma alternativa para os pequenos produtores em relação à lógica das commodities, ou se de maneira contraditória gera processos de recommoditização.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho apoia-se em três pilares metodológicos principais e interdependentes: pesquisa bibliográfica, levantamento de dados primários e levantamento de dados secundários. A pesquisa caracteriza-se como exploratória (Gil, 2002), por buscar maior familiaridade com o fenômeno estudado e torná-lo mais compreensível a partir da combinação dessas abordagens.

Para a fundamentação da pesquisa, os trabalhos de campo foram elementos chave na metodologia. Foram realizados dois trabalhos de campo, o primeiro em dezembro de 2023 e o segundo em agosto de 2024. A realização dos trabalhos de campo ocorreu com abordagens distintas. O primeiro trabalho de campo teve caráter introdutório, fundamentado na observação e na realização de entrevistas não estruturadas. Foi realizada a rota turística “Caminhos do café”

que permitiu interações com produtores e funcionários de fazendas, estabelecendo um ambiente de troca livre de informações, sem um roteiro fixo, permitindo captar percepções espontâneas sobre a dinâmica local e aspectos do próprio cotidiano dos envolvidos.

No primeiro momento, a presença da representante da APROCAM como acompanhante e guia influenciou diretamente tal imersão, uma vez que as visitas (na sede da APROCAM, rota turística "Caminhos do Café", Ascarive, Cocarive, armazém da Cocarive e IFSUL de Minas – Carmo de Minas) ocorreram durante seu horário de trabalho. Dessa forma, houve a oportunidade de acompanhar a rotina profissional e dinâmica de funcionamento da APROCAM, incluindo múltiplas visitas à sede da associação, observação das interações com produtores e participação indireta em suas atividades cotidianas. A coleta de dados ocorreu dentro dos limites possíveis, buscando captar a dinâmica da realidade investigada.

No segundo trabalho de campo, adotou-se um caráter mais objetivo, com a realização de visitas técnicas voltadas à análise sistemática e à coleta de dados qualitativos. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (Manzini, 2004), que, embora baseadas em perguntas orientadoras previamente definidas (Anexo 1), permitiram flexibilidade na formulação das questões e na condução das respostas.

Foi realizada outra rota turística: a "Rota do Café Especial" no "Sítio da Torre". Durante os trabalhos de campo, duas das três visitas às propriedades rurais ocorreram por meio de roteiros turísticos, que apresentam o processo produtivo do café sob uma perspectiva voltada à experiência do visitante. Apesar disso, essas ocasiões foram aproveitadas para realizar algumas perguntas pertinentes à pesquisa, buscando compreender aspectos da dinâmica produtiva e organizacional das fazendas visitadas.

Embora roteiros turísticos possam se apresentar como ambientes parcialmente mediados, se mostraram valiosos como ponto de partida estratégico para o desenvolvimento da pesquisa. As visitas técnicas guiadas serviram como instrumento de aproximação, quebrando barreiras iniciais, possibilitando o contato direto com produtores e outros agentes locais e permitindo estabelecer contato para visitas posteriores a fazendas que, de outro modo, seriam de difícil visitação. Além de viabilizar coleta de dados primários e a observação de dinâmicas produtivas, essas visitas também favoreceram uma análise crítica das formas de mediação e representação do território cafeeiro nesses roteiros.

Em outros momentos específicos foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com a representante da APROCAM e com o representante da Cocarive, a fim de aprofundar questões relacionadas à organização produtiva e institucional em torno da IG. É

necessário reconhecer a heterogeneidade entre as cooperativas, de modo que cada cooperativa apresenta características organizacionais, estratégias comerciais e níveis de inserção distintos. Ainda assim, no que se refere principalmente à atuação no âmbito da Indicação Geográfica, há semelhança nas práticas e nos objetivos. Por esse motivo, ao longo do texto, faz-se referência à instituição como “a cooperativa”.

Com os dados coletados e realizado o levantamento bibliográfico, os resultados foram analisados a partir do pressuposto de método que articula os conceitos e noções centrais. Silveira (1999, p.22) destaca a necessidade de "produzir um esquema metodológico que permita elaborar um retrato dos lugares na história do presente. Esse esquema só pode ser construído se embasado numa teoria", isto é, mediante a orientação de um sistema de conceitos para compreender a realidade. Portanto, a adoção da abordagem teórico-metodológica com a combinação dos conceitos permite a coesão do pensamento e a sistematização e discussão dos resultados encontrados.

Objetivamos compreender de modo crítico a realidade concreta de uma situação geográfica (Silveira, 1999; Cataia; Ribeiro, 2015), sendo esta

> uma manifestação, um produto provisório e instável do movimento de totalização (...) é um vínculo de relação entre o individual e o universal (...) A situação geográfica cristaliza uma dada divisão territorial do trabalho e revela o caminho da instalação de uma nova divisão territorial do trabalho (Silveira, 1999, p.26).

A situação geográfica a qual a pesquisa se centrou é a produção de cafés especiais com Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas. A análise dessa situação geográfica foi feita assumindo o território usado (Santos, 2005) como categoria central da Geografia. Para analisar as formas de uso do território, nos debruçamos no estudo da espacialidade da produção, através das diversas etapas, agentes e lugares que compõem a situação geográfica e são perpassados pelo processo produtivo. Essa tarefa exigiu a priori o entendimento dos imperativos e marcas do atual período da história, a globalização (Santos, 2006; 2012), e como se espacializam.

Para tanto, a análise se estrutura a partir de sistemas de conceitos coerentes entre si que dão centralidade ao papel ativo do espaço. Aqui se assume o espaço como instância social: tanto um resultado objetivo da interação de múltiplas variáveis através da história, como uma condição para os processos. Visto que “a estrutura espacial não é passiva, mas ativa, embora sua autonomia seja relativa, como acontece às demais estruturas sociais” (Santos, 2004, p. 185).

Portanto, não sendo o espaço unicamente um fator da produção, mas contendo um papel ativo, a abordagem dos circuitos espaciais produtivos e círculos de cooperação (Castillo;

Frederico, 2010; Santos, 1986; Santos; Silveira, 2001) permitiu capturar a dinâmica dos usos do território na produção de cafés especiais com IG da Mantiqueira de Minas. Assim colocamos o foco nas

> implicações sócio-espaciais da adaptação de lugares, regiões e territórios aos ditames da competitividade, bem como o papel ativo do espaço geográfico na lógica de localização das atividades econômicas, na atividade produtiva e na dinâmica dos fluxos (Castillo; Frederico, 2010, p.468).

A articulação dos conceitos permitiu compreender como os componentes do circuito espacial produtivo se concretizam em diferentes parcelas do território, revelando os fluxos que conectam as etapas produtivas, ainda que espacialmente fragmentadas. Também possibilitou identificar como se estruturam os círculos de cooperação que tornam o território funcional às demandas das etapas produtivas e à atuação dos agentes hegemônicos, ao mesmo tempo em que evidenciam formas de resistência ou de adaptação dos lugares e dos atores locais a essas dinâmicas.

Assim, ao analisar a espacialidade da produção, distribuição, troca e consumo como um movimento circular contínuo (Moraes, 1985), torna-se possível compreender as articulações entre as etapas, identificar os agentes que ocupam posições centrais nos processos decisórios e normativos e evidenciar as assimetrias de poder que se estabelecem entre eles.

O referencial teórico adotado se apoia também nos conceitos de descommoditização e recommoditização (Daviron; Vagneron, 2011). Esses conceitos permitiram captar os movimentos que caracterizam a produção com IG como alternativa à lógica das commodities e/ou como outra forma de inserção dos produtores nessa lógica.

Levando então a um caminho para compreender como os lugares se diferenciam, se adequam e resistem aos usos do território, como se relaciona o individual com o universal. No caso, compreender as particularidades da produção de cafés especiais com IG da Mantiqueira de Minas e como esta se relaciona com o modo de produção e o atual período da globalização, que carregam consigo aspectos como o aprofundamento da competitividade e das especializações territoriais produtivas. E mais especificamente, como essa produção se relaciona com a lógica das commodities, também delineada pelo modo de produção e pela globalização.

A dissertação está dividida em três partes. A primeira parte trata dos desafios para implementação dos cafés especiais, iniciando nas grandes mudanças mundiais (desregulamentação do setor, a consolidação da cafeicultura científica globalizada e a lógica das commodities) que reverberaram na escala nacional e estruturaram o período da cafeicultura

científica globalizada, correspondente ao atual período da globalização (Santos, 2012). Além disso, tratamos como esses processos aprofundam a especialização produtiva regional e a inércia produtiva, visualizada na grande densidade de sistemas técnicos e organizacionais na região do Sul de Minas. Bem como essa configuração territorial condicionou e condiciona novos usos do território.

Na segunda parte versamos sobre a emergência e consolidação da figura da IG em escala global, atrelando a consolidação do Acordo TRIPS (normativa do comércio global que trata também das IGs) com as bases da globalização. Apresentamos como o Brasil incorporou essa normativa global e o seu quadro atual no que se refere às IGs, com ênfase nas IGs de café. A partir desse contexto, delineia-se o ambiente no qual emerge a Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas, sua caracterização territorial e produtiva e o percurso até a obtenção do selo de Denominação de Origem.

A terceira parte trata das implicações da produção de cafés especiais. Apresentamos as implicações que a IG da Mantiqueira de Minas promoveu aos produtores que dela usufruem. No entanto, esses resultados não são igualmente e amplamente distribuídos, uma vez que embora a IG possa apresentar vantagens coletivas, na prática seu efeito é seletivo e condicionado por capital, infraestrutura e relação com as cooperativas. Apresentamos os circuitos espaciais produtivos e círculos de cooperação do café commodity e do café especial com IG. Identificando, neste último, a centralidade da cooperativa, da APROCAM e da SCA, que moldam novos usos do território sob o imperativo da competitividade.

Além disso, nos debruçamos sobre a hipótese de que apesar dos diversos benefícios propiciados pela produção de cafés especiais com IG do ponto de vista social e econômico, promovendo o processo de descommoditização em aspectos da produção, há desafios para o estabelecimento integral desse processo, por conta da ocorrência simultânea de processos de recommoditização, marcando uma espécie de outro paradoxo do café. Quanto à descommoditização verificamos aspectos como autonomia para criação de normas locais de produção, garantia de identidade, aproximação com o consumidor final, ações coletivas para desafios individuais, fortalecimento do cooperativismo e associativismo, elevação da qualidade e valorização da produção e região. No entanto, ao mesmo tempo, se verificam processos alinhados a uma recommoditização dos cafés especiais, como substituibilidade entre os produtores, padronização, subordinação aos ditames externos, racionalização do espaço às demandas da competitividade do mercado globalizado e alinhamento à especialização regional produtiva.

Considerações finais

Na escala global, tanto as transformações na cadeia produtiva do café quanto a consolidação das normas internacionais sobre Indicações Geográficas, como o Acordo TRIPS, estão diretamente relacionadas ao atual período da globalização. A base geográfica desse processo se apoia em três dimensões interdependentes: a técnica, marcada pela difusão desigual e seletiva das tecnologias da informação; a econômica, caracterizada pela sobreacumulação de capital e pela financeirização da economia mundial; e a política, orientada pela desregulamentação dos mercados, resultante da difusão das ideologias e políticas neoliberais.

Na escala nacional, a desregulamentação do setor e a lógica das commodities reverberaram mudanças e estruturaram o período da cafeicultura científica globalizada que aprofundou o processo de especialização produtiva regional. É nesse cenário em que se inserem as regiões do Sul de Minas e da Mantiqueira de Minas. A configuração dessas regiões não pode ser entendida apenas pelo seu contexto interno e escala regional, elas são resultado de movimentos em escalas maiores e da sua posição nas redes da globalização. Revelando assim, as dinâmicas produtivas globais e aspectos sobre o período do capitalismo atual, através da globalização entendida como "o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista" (Santos, 2012, p.12).

A região é expressão do global, assim como a sua multiplicação, isto é, a generalização do fato regional (Santos, 2003). Quanto mais eventos, mais regiões são produzidas, que se tornam também mais especializadas e competitivas, sob o imperativo global da competitividade. Isso se alia à da emergência e consolidação de uma economia de qualidades no setor agroalimentar Niederle (2011), influenciando o boom das IGs nos últimos anos.

Isso demonstra algumas mudanças na competição global do café. Embora ainda predomine a competição apenas baseada em volume e preço, agora cresce a competição baseada também qualidade e diferenciação. Incluindo aspectos como a origem dos cafés, aspectos da produção, sustentabilidade, certificações, atributos simbólicos, tradição e experiências de consumo.

Portanto, cabe falar que vão se configurando indícios de uma espécie de guerra dos lugares (Santos, 2006) com a qualidade como variável e com certo protagonismo nessa disputa. Não apenas a qualidade em si, mas a infraestrutura e os recursos para obter cada vez melhores resultados e maiores patamares de qualidade.

A competitividade ganha mais força com a quantidade de novas indicações geográficas de cafés surgindo a cada ano. Criando então oportunidades para a atuação de novos agentes nos

circuitos e nos círculos de cooperação, como é o caso de empresas de consultorias - por vezes, externas ao lugar - para auxiliar no cumprimento das exigências para o registro. Bem como a captura do mercado de cafés especiais por parte de grandes empresas, como o caso da ECOM, grande trading que passa a ordenar uma rede de atuação através de aquisições e/ou parcerias com empresas locais de exportação de cafés especiais.

Nesse contexto, a Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas se posiciona como uma resposta organizada e institucional às lógicas competitivas, materializando no território novos usos pautados também na qualidade e expressando uma nova faceta da especialização produtiva da região baseada nesse atributo.

A coexistência do circuito espacial produtivo do café commodity e do café especial com IG, expressa tanto a diversificação de estratégias econômicas quanto a complexidade do território usado (Santos, 2005). Os circuitos espaciais produtivos representam a reorganização da ordem preestabelecida e das formas pretéritas no espaço pautada nas racionalidades e intencionalidades de forças externas, isto é, das verticalidades. Esse movimento se depara com forças internas e cria novas horizontalidades. Assim se dá a produção dialética dos lugares, a partir de disputas, confrontos de lógicas de usos de território, resultando em contradições. Os círculos de cooperação no espaço são construídos e mobilizados com o objetivo de viabilizar o território a esses usos.

Por isso o potencial de análise dos circuitos espaciais produtivos, que, ao estar associado à globalização e inserido no modo de produção capitalista, se insere na lógica de extração da mais-valia em escala global. Assim, sua análise possibilita encontrar contradições, assimetrias e tensões dos processos produtivos e dos usos do território.

A partir disso, essa pesquisa procurou alcançar o objetivo central de analisar a produção de café com Indicação Geográfica da Mantiqueira de Minas frente à lógica das commodities. Para assim compreender se a produção com a IG confere maior autonomia e identidade aos produtores e lugares, quando comparada com a produção de café commodity. Buscando responder também se a produção de cafés com IG da Mantiqueira de Minas se apresenta como uma alternativa para os pequenos produtores em relação à lógica das commodities, ou se de maneira contraditória gera processos de recommoditização.

Ao delinear o circuito espacial produtivo do café com IG e os círculos de cooperação no espaço, verificamos a centralidade de determinados agentes e o salto de escala de outros. A centralidade da cooperativa se expressa por ser condicionante (ao contrário do circuito espacial produtivo do café commodity), uma vez que são as cooperativas que emitem o laudo necessário

para a liberação do selo. Nesse sentido, a cooperativa tem um salto de escala. Além disso, a cooperativa concentra também o controle de boa parte dos cafés especiais da região e na coordenação de diversas operações e agentes. Outro agente que possui centralidade é a APROCAM que é responsável pelo gerenciamento do selo da IG, desde sua criação, registro, manutenção e liberação do selo para uso. A SCA, na figura da sua metodologia, determina as relações e cooperações dos agentes e lugares ao longo do circuito e dos círculos de cooperação. Assim, esses agentes são os principais responsáveis por entrelaçar outros agentes e lugares para atender demandas globais, moldando novos usos do território.

Ao verificar que a produção de café com IG transita entre algumas contradições, sustentamos a hipótese da ocorrência de processos de descommoditização em aspectos da produção e de desafios para o estabelecimento integral desse processo. Porque, ao mesmo tempo, se verificam processos alinhados a uma recommoditização dos cafés especiais, revelando um outro paradoxo do café.

Em relação à descommoditização citamos os aspectos de autonomia para criação de normas locais de produção, através do Caderno de Especificações Técnicas; garantia de identidade, através da rastreabilidade; relacionamento com os compradores e aproximação com o consumidor final; ações coletivas para superação de desafios individuais; fortalecimento do cooperativismo e associativismo em um novo formato e elevação da qualidade e valorização da produção e região.

Verificamos a transposição de etapas a partir de saltos de escala, que aproximam agentes, em destaque o produtor e o consumidor final. Nessa relação o salto de escala é dos dois lados, com transparência e garantia de identidade ao produtor, por meio da rastreabilidade, e uma relação mais qualificada em que o consumidor não se encontra numa posição passiva, mas tem mais ciência das especificidades do produto e do processo produtivo.

Além desses, alguns outros elementos propiciam maior resistência à lógica das commodities e conferem à região certa autonomia, como a menor quantidade de intermediários no circuito e nos círculos de cooperação e maior controle sobre a gestão da produção e comercialização.

Apesar de se opor de certa forma à lógica das commodities a partir desses fatores, opera processos de recommoditização a partir de aspectos como substitutibilidade entre os produtores; padronização; subordinação aos ditames externos (através da metodologia SCA e o mercado externo como principal destino); racionalização do espaço às demandas de competitividade do mercado globalizado; alinhamento à especialização regional produtiva.

Outra contradição visualizada se relaciona com a não inserção de todos os produtores no circuito e nos círculos de cooperação. Uma das razões disso diz respeito aos produtores com menor capitalização, que enfrentam maiores barreiras para o aprimoramento técnico necessário para alcançar maiores patamares de qualidade. A produção de cafés especiais requer um conjunto de condições técnicas, econômicas e estruturais que não estão igualmente distribuídas entre produtores. Nesse sentido, tanto a inserção no circuito quanto os usos do território variam de acordo com a capacidade de cada agente de acessar objetos técnicos-científicos.

Por outro lado, a IG não é a única forma de inserção no mercado de cafés especiais, o que indica a existência de outro circuito espacial no território. Assim, distintas formas de inserção produtiva e comercial e de não inserção se articulam e se tensionam no interior do mesmo território. O que sinaliza para a importância de ouvir outras vozes, tanto dos que não conseguem se inserir em nenhum dos circuitos de cafés especiais, quanto dos que não se inserem especificamente no circuito espacial produtivo do café com IG.

Por fim, todo esse cenário demonstra a importância de avançar nos estudos sobre produções alternativas agrícolas e pensar estratégias mais justas de utilização do território com um olhar mais abrangente sobre as questões ecológicas, sociais, econômicas e culturais na relação local-global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAIRE, G. et al. Synthesis and scenarios analysis built on case study reports. **WP6 Report, SINER-GI Project – Strengthening International Research on Geographical Indications**: from research foundation to consistent policy. Montpellier: SINER-GI, 2007.

BRASIL. Decreto n. 99.240, de 7 de maio de 1990. Dispõe sobre a extinção de autarquias e fundações públicas, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 mai. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99240.htm. Acesso em 18 de out. de 2024.

BRASIL. Lei nº 9.279 de 14 de maio de 1996 – Lei da Propriedade Industrial. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 8353, 15 mai. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9279.htm. Acesso em: 16 nov. 2024.

CASTILLO, R. Sustentabilidade, globalização e desenvolvimento. *In*: OLIVEIRA, M. P. et al. (Orgs.). **O Brasil, a América Latina e o mundo:** espacialidades contemporâneas. Rio de Janeiro: Anpege/Clacso/Faperj/Lamparina, 2008. p. 401-410.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 3, p. 461-474, 2010. doi.org/10.1590/S1982-45132010000300004

CATAIA, M. A.; RIBEIRO, L. H. L. Análise de situações geográficas: notas metodológicas de pesquisa em geografia. **Revista da Anpege**, v. 11, n. 15, p. 9–30, 2015. doi.org/10.5418/RA2015.1115.0001

CECAFE. **Relatório de Exportações**. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/ Acesso em: 26 fev. 2025.

CERDAN, C.; BRUCH, K. L.; SILVA, A. L.; COPETTI, M.; FÁVERO, K. C.; LOCATELLI, L. Indicação Geográfica de Produtos Agropecuários: Importância Histórica e Atual. *In:* CERDAN, C. M.; BRUCH, K. L.; SILVA, A. L.; PIMENTEL, L. O (Org.). **Curso de propriedade intelectual e inovação no agronegócio:** Módulo II, indicação geográfica. 2. ed. Brasília: MAPA; Florianópolis, SC: SEaD/UFSC/FAPEU, 2010.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CONAB. **Acompanhamento da Safra Brasileira de café** - Safra 2024, n. 4. Brasília, 2025. Disponível em: https://www.cecafe.com.br/site/wp-content/uploads/2025/01/Safracafe-2024-24-25-4o-Levantamento-JAN-25.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

CUNHA, C. B. V. **Indicações geográficas:** regulamentação nacional e compromissos internacionais. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DATASEBRAE. **Indicações Geográficas.** 2025. Disponível em: https://datasebrae.com.br/indicacoesgeograficas/. Acesso em: 20 jul. 2025.

DAVIRON, B.; PONTE, S. **The coffee paradox**: Global markets, commodity trade and the elusive promise of development. Zed books, 2005.

DAVIRON, B.; VAGNERON, I. From commoditisation to de-commoditisation… and back again: Discussing the role of sustainability standards for agricultural products. **Development policy review**, v. 29, n. 1, p. 91-113, 2011. doi.org/10.1111/j.1467-7679.2011.00515.x

DELGADO, G. C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio:** mudanças cíclicas em meio século [1965-2012]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

FREDERICO, S. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 37-48, 2014. doi.org/10.4215/RM2014.1301.0003

FREDERICO, S. Globalização, competitividade e regionalização: a cafeicultura científica globalizada no território brasileiro. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 55–70, 2014. doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.81077

FREDERICO, S. Imperativo das exportações e especialização agrícola do território brasileiro: das regiões competitivas à necessidade de regiões cooperativas. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 5-18, 2012.

FREDERICO, S. Lógica das commodities, finanças e cafeicultura. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 1, p. 97-116, 2013. doi.org/10.54446/bcg.v3i1.91

FREDERICO, S. Regiões competitivas e modernização agrícola: da cafeicultura tradicional à cafeicultura científica globalizada. *In:* FERREIRA, D.A.O.; FERREIRA, E.R.; MAIA, A.C. (Org.). **Estudos agrários:** a complexidade do rural contemporâneo. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 181-198.

GALTIER, F.; BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. Factors constraining building effective and fair geographical indications for coffee: Insights from a Dominican case study. **Development Policy Review**, v. 31, n. 5, p. 597-615, 2013. doi.org/10.1111/dpr.12027

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRABS, J; PONTE, S. The evolution of power in the global coffee value chain and production network. **Journal of economic geography**, v. 19, n. 4, p. 803-828, 2019. doi.org/10.1093/jeg/lbz008

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

INSTITUT NATIONAL DES APPELLATIONS D'ORIGINE ET DE LA QUALITÉ (INAO). **Le goût de l'origine**. França, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf. Acesso em: 2 set. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). Portaria INPI/PR nº 04, de 12 de janeiro de 2022. Estabelece as condições para o registro das Indicações Geográficas, dispõe sobre a recepção e o processamento de pedidos e petições e sobre o Manual de Indicações Geográficas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. Disponível em: https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/arquivos/legislacao-ig/copy_of_PORT_INPI_PR_04_2022_consolidada_dezembro_2024.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.

INTERNACIONAL TRADE CENTER (ITC). **O guia do café**. 4 ed. Genebra: ITC, 2022.

MANZINI, E. J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 58-59, 2004.

MORAES, A. C. R. **Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço.** DG/FFLCH: São Paulo, 1985.

NAGAI, D. K.; PIGATTO, G. A. S.; LOURENZANI, A. E. B. S. Formas de inovação na agricultura: o caso da Denominação de Origem protegida na produção de café de Cerrado Mineiro. **Revista ESPACIOS**, v. 37, n. 9, 2016.

NIEDERLE, P. A. **Compromissos para a qualidade:** projetos de indicação geográfica para vinhos no Brasil e na França. 2011. 263 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NIEDERLE, P. A.; MASCARENHAS, G. C. C.; WILKINSON, J. Governança e institucionalização das indicações geográficas no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 55, p. 85-102, 2017. doi.org/10.1590/1234-56781806-94790550105

ORTEGA, A. C.; JESUS, C. M. Território, certificação de procedência e a busca da singularidade: o caso do Café do Cerrado. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 19, p. 305-330, 2011. doi.org/10.5007/2175-7984.2011v10n19p305

PENDERGRAST, M. **Uncommon grounds:** The history of coffee and how it transformed our world. Basic Books, 2010.

PEREIRA, M. F. V. Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 239-254, 2014. doi.org/10.15446/rcdg.v23n2.37333

PEREIRA, M. E. B. G.; LOURENZANI, A. E. B. S.; BANKUTI, S. M. S.; PIGATTO, G. A. S. Coordenação na Agricultura Familiar e o Desenvolvimento Territorial: o caso das indicações geográficas para o café. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v.15, 2016. doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p131

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, M. A natureza do espaço. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. *In:* SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **Guerra dos lugares**. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 ago. 1999. p. 3. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs08089904.htm. Acesso em: 03 nov. 2024.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SANTOS, M. Região: globalização e identidade. *In*: LIMA, L. C. (Org.). **Conhecimento e reconhecimento:** uma homenagem ao geógrafo cidadão do mundo. Fortaleza: Eduece/LCR, p. 53-64, 2003.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVEIRA, M. L. Região e a invenção da viabilidade do território. *In:* SOUZA, M. A. A. (Org.). **Território brasileiro:** usos e abusos. Campinas: Edições Territorial, 2003.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 21-28, 1999.

SISTEMA OCEMG. **Anuário de Informações Econômicas e Sociais do Cooperativismo Mineiro – 2025**. Belo Horizonte: Sistema OCEMG, 2025. Disponível em: https://sistemaocemg.coop.br/publicacoes/. Acesso em: 20 set. 2025.

SKEIE, T. R. Norway and coffee. **The Flamekeeper**, v. 11, 2003.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SMITH, N. Scale Bending and the Fate of the National. *In:* SHEPPARD, E.; MCMASTER, R. B., **Scale and Geographic Inquiry Nature, Society, and Method**. Malden, USA: Blackwell Publishing. 2004. p. 192 – 212.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. *In:* ARANTES, A. A. (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, p. 132-159, 2000

TALBOT, J. M. **Grounds for agreement:** The political economy of the coffee commodity chain. Rowman & Littlefield, 2004.
TOLEDO, E. F. T. A Indicação Geográfica como Instrumento de Ação e Pesquisa para a Geografia Econômica. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 4, n. 8, p. 92–112, 2025. doi.org/10.29327/243949.4.8-7

VANDECANDELAERE, E. et al. **Linking people, places and products**. FAO, 2009.

VEGRO, C. L. R.; ANGELO, J. A. Diversificação nas Origens de Fertilizantes Importados Suplanta a Escassez Causada pelo Conflito Russo-Ucraniano. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-8, mar. 2023.

WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION (WIPO). **Summary of the Lisbon Agreement for the Protection of Appellations of Origin and their International Registration (1958)**. Genebra, 2025.
Disponível em: https://www.wipo.int/treaties/en/registration/lisbon/summary_lisbon.html. Acesso em: 10 mai. 2025